

9-2-65
RUBEM BRAGA

AVIAÇÃO

Na Índia há duas companhias de aviação, ambas do Estado, uma para as linhas internas, outra para as externas. Ambas dão lucro — o que certamente é de causar inveja ao Governo do Brasil, que financia custosamente a concorrência das várias companhias particulares. A empresa internacional (Air India, cuja excelente publicidade internacional é feita na base do *tapête mágico* e do pequeno marajá gordinho, de bigodes imensos) tem linhas de Nova Iorque até Tóquio e Sidnei e às Ilhas Fiji, incluindo Nairóbi, Moscou e as grandes capitais do Oriente Médio e da Europa, publicou agora seu balanço, que mostra uma grande expansão e aumento de número de passageiros por ano. Tem sete Boeings, está comprando um oitavo e já fez depósitos de 300 mil e 500 mil dólares para reservar os futuros aviões supersônicos americanos e anglo-franceses.

Quando vim de Paris para Bombaim e nas várias viagens que fiz na Índia os aviões estavam sempre cheios; só uma vez vi alguns lugares vagos. Isso é bom para a companhia, mas cria problemas para quem resolve viajar à última hora e não encontra lugar.

F.L.U. { Foi por causa dessa falta de vaga nos aviões que tivemos de apressar nossa estada em Goa; se cancelássemos as passagens para Bangalore, Madras e Calcutá, teríamos de esperar depois dois ou três dias. Disso resultou que tive de arrumar a mala em Goa no último instante, pela madrugada, a toda pressa, e fiz a imprudência de telefonar pedindo que mandassem alguém para me ajudar. Vieram não menos de cinco pessoas (o serviço doméstico

cont. 9.2.65

FLV Junho 80

Palavras e gente
de Goa

na Índia é fantásticamente numeroso, e subdividido) e o resultado foi que deixei para trás, além de outras coisas, meu caderno de notas — e trouxe a lista telefônica da Cidade...

ALÍAS

As instruções do guia são escritas em inglês e em português. O português é bom, e me sugere uma advertência aos brasileiros sobre o abuso do *aliás*.

Tive um parente que, quando jovem, pegou verdadeira mania de dizer *aliás*: "é uma pequena bonita, *aliás* morena, *aliás* do Rio. *Aliás* eu a conheci..." Foi necessário um estouro paterno para acabar com esse *aliás*.

Na lista de telefones de Goa, *aliás* é para valer. É como, em inglês, *otherwise*, ou, em português, *de outra maneira* ou *não sendo assim*, ou *em caso contrário*. Vejamos:

"Os aparelhos telefônicos são instrumentos complicados e delicados, e, por isso, têm de ser manejados com cuidado; *aliás*, não funcionarão satisfatoriamente."

Outro exemplo:

"Nunca se esqueça de colocar o auscultador no seu devido lugar; *aliás*, quando outro subscritor pretender falar, ouvirá sempre o sinal de o telefone estar em ligação."

NOMES PORTUGUESES

A lista de Goa, embora seja de fevereiro do ano passado, está cheia de nomes portugueses. Como praticamente

todos os portugueses que viviam em Goa foram embora, a gente fica pensando que se trata de descendentes de portugueses. Isso às vezes é verdade, mas raramente.

O que acontece é que os missionários portugueses, quando convertiam algum indiano, davam-lhe nome cristão. As vezes o seu próprio, às vezes o de um padrinho. Assim o Embaixador da Índia no Brasil, que é um Coelho, não tem uma gota de sangue português. É comum um indiano ter o nome perfeitamente português, ser católico e não falar uma palavra de português. O mesmo acontece em muitos países da África.

É que os Governos lusitanos de Goa foram muito displicentes em popularizar nossa língua: abriram poucas escolas, quase todas nas cidades e vilas, desprezando a população das aldeias. O resultado é que, mesmo entre os cristãos, que são 36 por cento da população de Goa, a metade não conhece o português, falando o concani.

Portugal tratou com displicência sua colônia secular, interessando-se apenas pelas vantagens comerciais do porto e pela exploração de minérios. Só nos últimos anos começou a cuidar melhor de sua minúscula possessão — mas era tarde. Com mais de 60 por cento de hindus (bramanistas) e 3 por cento de muçulmanos, Goa era, na verdade, bem pouco portuguesa.

O português hoje só é ensinado em escolas particulares e falado pela gente de certo nível social na Cidade. Com o tempo irá desaparecendo, porque a maioria quer estudar em inglês ou em hindi. Mas continuam a circular dois jornais em português — com liberdade de imprensa, o que é uma novidade para eles...

Nova Déli, janeiro

1965